

EDITORIAL

Olá querido leitor!!

Sabia que esta é uma edição comemorativa do INFORMA?

Sim, a **Associação Brasileira de Psicopedagogia – Seção São Paulo** está fazendo aniversário. Completa, neste ano de 2018, 15 anos de existência.

É, portanto, em clima de festa que escrevo este editorial!

Temos tido o cuidado de apresentar a você leitor, um conteúdo que consideramos significativo e assim, ao retratar as ações da Seção buscamos trazer informações cujo conteúdo seja de relevância para a práxis do profissional da Psicopedagogia e de áreas afins.

Nossas ações, deste semestre, incluíram eventos com os membros da Seção e Conselho, com coordenadores de curso de Psicopedagogia, e com os associados.

Um curso sobre a Base Nacional Comum Curricular com Beatriz M. Sampaio Ferraz, foi o tema de estudo em que os membros da diretoria executiva bem como do Conselho Estadual e Vitalício da Seção realizaram em fevereiro.

Na Reunião de Coordenadores de Curso de Psicopedagogia, realizada pela primeira vez no Estado de São Paulo, tivemos a representatividade de nove instituições que puderam dialogar sobre “A Formação em Psicopedagogia na Contemporaneidade”, com Neide de Aquino Noffs.

Coordenada por Sílvia Amaral e Sandra Santilli, também em fevereiro, realizamos a reunião do Projeto Social “ABPP Seção São Paulo vai à Comunidade” com a presença de 32 psicopedagogos. Atualizamos as metas, trocamos experiências e definimos a data do próximo encontro.

Fomos presenteadas no momento científico cultural da 3ª Reunião do Conselho Estadual da gestão 2017/2019, realizada em abril, com a apresentação da Conselheira Ariane Zanelli, que trouxe o tema “A Alta em Psicopedagogia e as Altas da Vida - uma tarefa”, uma reflexão acerca do encerramento da intervenção psicopedagógica.

Nem toda criança diagnosticada como autista, realmente é! Esta foi a fala de abertura da palestra “Desvendando os Mistérios do Autismo”, do psiquiatra e psicanalista Raul Gorayeb, realizada também em abril.

Finalizamos os encontros científicos em maio, patrocinando, em parceria com a Pingo no I - Brinquedos Educativos, a 3ª Oficina de Jogos. Jogar, brincar e congregar psicopedagogos tem sido o mote destas oficinas que, desta vez, teve a ilustre presença de Lino de Macedo que generosamente “nos deu uma aula”, fazendo uma análise crítica dos jogos utilizados na Oficina.

No artigo escrito por Elizeu Coutinho de Macedo, Patrícia Botelho da Silva, Tatiana Pontrelli Mecca, você leitor será apresentado ao “TENA- Teste de Nomeação Rápida”, um instrumento diagnóstico para a identificação precoce de riscos de dificuldades de leitura e aprendizado.

No artigo “Desenvolvimento e Inclusão da Pessoa com Deficiência Intelectual – estudo de caso”, Sandra L. N. Santilli traz a visão contemporânea, mais precisamente, sobre os critérios que devem ser observados para o diagnóstico da deficiência intelectual.

O título “Psicopedagogia Empresarial: uma construção”, do texto de Valéria Rivelino convida o leitor a conhecer a trajetória desta profissional como psicopedagoga no âmbito da empresa.

Prestigiamos alunos de Psicopedagogia, quando em curso, produzem textos acadêmicos que merecem ser compartilhados. A elaboração de uma resenha crítica sobre um artigo publicado na Revista Psicopedagogia no ano de 2013, foi a “lição de casa” de Carin H. Petti.

Na modalidade virtual a ABPP - Seção São Paulo chegou ao interior, por meio de um vídeo em que a diretoria apresentou a Seção São Paulo. O filme foi exibido durante a palestra “Psicopedagogia - Interação Professor, Família e Psicopedagogo”, que nossa associada, Beatriz B. do Amaral Gurgel ministrou durante a XVI Semana Acadêmica da Pedagogia da Universidade de Marília, UNIMAR.

As indicações de lançamentos de livros e de jogos complementam esta edição.

Nesta edição comemorativa deixo registrada minha homenagem ao grupo que fundou a Seção São Paulo, do qual eu tive o privilégio de ser membro integrante.

Meu reconhecimento aos grupos subsequentes que com empenho e dedicação fizeram, também, a história da Seção São Paulo.

Cumprimento a todos que direta ou indiretamente vem contribuindo para a consolidação desta Seção no Estado de São Paulo.

A você, associado da ABPP-Seção São Paulo, integrante da nossa história agradeço o prestígio e a fidelidade.

Termino com o ditado popular “Trabalhar em equipe é unir várias formas de pensar para um só objetivo”, pois retrata o espírito da diretoria que na gestão 2017-2019 não tem medido esforços para manter a fidelidade ao nosso objetivo primeiro que é o de divulgar e promover a Psicopedagogia no Estado de São Paulo.

PARABÉNS ABPP – Seção São Paulo!

Cristina Natel

Presidente -triênio 2017-2019

AGENDA CULTURAL

2º semestre de 2018

Agosto: Encontro do Projeto Social; Curso sobre PAC.

Setembro: Palestra

Outubro: Curso com oficina; Conselho Estadual

Novembro: Oficina “Pingo no i”; Comemoração Dia do Psicopedagogo; Banca de Titularidade



PSICOPEDAGOGO ASSOCIE-SE !

www.saopauloabpp.com.br
saopaulo@saopauloabpp.com.br
contato: 11 9.6416.1030



A importância da avaliação da nomeação automática para o diagnóstico psicopedagógico

A nomeação automática se caracteriza pela capacidade em ver um símbolo visual e dizer o nome desse símbolo de maneira rápida e acurada. Esses símbolos podem ser, por exemplo, desenhos de objetos ou cores que a criança esteja habituada a ver e que conheça os seus nomes. Em uma avaliação da nomeação automática, normalmente é apresentada uma folha com vários símbolos e que a criança deve dizer em voz alta o nome de todos eles o mais rápido possível. Nesses testes, o psicopedagogo marca o tempo que a criança levou para nomear todos os símbolos, bem como o número de erros cometidos. Os resultados deste tipo de teste indicam quão rápido se dá a integração de processos visuais e linguísticos. Trata-se de uma medida robusta para diferenciar bons e maus leitores e auxiliam identificar precocemente dificuldades de leitura. Isso porque, tanto a nomeação automática quanto a leitura envolvem o reconhecimento visual de estímulos e acesso à sua representação fonológica.

A leitura é um processo complexo, o qual requer o reconhecimento de palavras, a fluência e a compreensão. Os estudos sobre nomeação automática rápida têm mostrado que esta habilidade está relacionada a fluência de leitura, ou seja, com a velocidade e eficiência da leitura. Em 2018 foi lançado o Teste de Nomeação Automática (TENA) que pode ser usado por psicopedagogos e professores para avaliar crianças entre 3 e 9 anos de idade. Assim, pode ser usado para avaliar crianças ainda em fase pré-escolar, ou seja, antes mesmo do processo de alfabetização, quanto crianças no Ensino Fundamental I que apresentem dificuldades de leitura e escrita.

O uso do TENA permite a identificação precoce de dificuldades de linguagem, especificamente da velocidade de nomeação para estímulos visuais. Assim, caso a criança apresente prejuízos observados no desempenho no TENA e que essas dificuldades se relacionem com as informações sobre o desenvolvimento da criança, tais resultados podem indicar risco para futuros problemas de aprendizagem. Além disso, é possível selecionar estratégias mais adequadas de intervenção ao verificar qual aspecto específico da linguagem está prejudicado.

O instrumento é fácil de ser usado e leva cerca de 15 minutos para ser aplicado. Ele é composto por 4 pranchas, cada qual com os seguintes símbolos: cores, objetos, letras e números. Cada prancha é composta por 5 estímulos que se repetem 10 vezes ao longo de cada prancha, perfazendo o total de 50 estímulos que devem ser nomeados o mais rapidamente possível pela criança. O teste apresenta dados normativos para crianças entre os 3 anos e 9 anos e 11 meses de idade, de ambos os sexos. Além disso apresenta os resultados para estudantes de escolas pública ou particular. Dessa forma, o psicopedagogo pode verificar se o desempenho da criança está dentro do esperado para sua idade, sexo e tipo de escola.

A interpretação do desempenho do TENA é baseada no tempo de nomeação e nos erros cometidos em cada prancha. Deste modo é importante verificar o quão rápido uma criança nomeia os estímulos e se o faz corretamente. É possível que uma criança demore mais tempo do que o esperado para a idade, mas cometa menos erros. Por outro lado, uma criança pode nomear rapidamente, mas cometer um número maior de erros em relação ao esperado para a idade. Poder observar os dois escores também permite um direcionamento mais específico para as intervenções.

O TENA pode ser aplicado em contexto clínico e educacional, por profissionais das áreas da saúde e educação, tais como psicopedagogos, pedagogos, psicólogos, fonoaudiólogos, neuropsicólogos, professores e outros profissionais.

Prof. Dr. Elizeu Coutinho de Macedo, Psicólogo clínico e professor do Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie - elizeumacedo@uol.com.br

Patrícia Botelho da Silva - Psicóloga, Mestre e Doutoranda em distúrbios do desenvolvimento pelo Mackenzie com dupla titulação com a Universidade de Luxemburgo.

Tatiana Pontrelli Mecca - Psicóloga. Mestre, Doutora, com Pós-doutorado em Distúrbios do Desenvolvimento pelo Mackenzie.

Referência Bibliográfica:

Silva, P. B., Mecca, T. P., & Macedo, E. C. (2018). TENA – Teste de Nomeação Automática. São Paulo: Editora Hogrefe-Cetepp.

Desenvolvimento e inclusão da pessoa com deficiência intelectual – Estudo de caso

O estudo das etapas do desenvolvimento humano traz referências fundamentais para a compreensão das peculiaridades de aprendizagem da pessoa com deficiência intelectual.

O conceito contemporâneo de deficiência intelectual descreve limitações no funcionamento humano típico, portanto entender que cada caso tem uma história específica, com características singulares e que precisam ser compreendidas levando em conta a análise de suas dificuldades e possibilidades é o primeiro passo.

A ideia das multidimensões apresentada no manual elaborado pela AAIDD (American Association Intellectual and Development Disabilities) amplia este olhar sobre os critérios que devem ser observados para o diagnóstico da deficiência intelectual: *“Uma estrutura multidimensional para compreender a deficiência intelectual mostra como o funcionamento humano e a manifestação da deficiência intelectual, envolvem o compromisso dinâmico e recíproco entre habilidade intelectual, comportamento adaptável, saúde, participação, contexto e apoio individualizado”.* (AAIDD, 2010, pag.13).

Esta fundamentação teórica trazida pela AAIDD, aliada ao conceito de aprendizagem através da interação social, de Vigotsky; ao da aprendizagem mediada de Feuerstein, e da educação visando a autonomia (mesmo que relativa) de Paulo Freire, norteiam o trabalho realizado pela equipe da OAT, Orientação Apoio e Trabalho. Para este processo contamos com três áreas multidisciplinares: a Assistência (no atendimento à família, à pessoa com deficiência intelectual individualmente e em grupo (oficinas) e aos profissionais da rede de apoio), o Desenvolvimento (nas propostas das oficinas e na elaboração de atividades personalizadas) e a da Inclusão no Mercado de Trabalho (oficina de preparação para o mundo do trabalho, prospecção de vaga, inclusão e acompanhamento na empresa).

A OAT é um projeto social da comunidade Shalom que visa promover promover o desenvolvimento e a inserção social de pessoas com deficiência intelectual, a partir dos 14 anos. Quando um candidato é recebido temos grandes desafios: retratar o seu histórico e o momento atual de vida, como ponto de partida, para superação de dificuldades, e o de destacar possibilidades. Com isso, dar esperança, promover o desenvolvimento das funcionalidades da PCDI, indicar caminhos e levantar os apoios necessários para que ele ou ela adquiram maior protagonismo em sua vida e para que a sua família possa ajudar, conjuntamente com a OAT, seu filho ou filha com deficiência intelectual. Trata-se de uma parceria imprescindível (comprovada pela prática), sem a qual não há progresso possível no desenvolvimento dos nossos atendidos. Para melhor compreensão deste processo relato um caso de sucesso do nosso trabalho, o nome por questão ética, será apontado pela abreviatura L.:L. chegou à

OAT em outubro de 2014, com 16 anos e dois meses, com o diagnóstico: F.70 Deficiência Intelectual Leve. Sua família foi recebida pela Assistência, onde durante o processo de anamnese foram registrados os dados do histórico familiar, de desenvolvimento e do seu percurso escolar. L. fez uma entrevista e uma avaliação psicopedagógica, pelo Desenvolvimento na qual foi constatado o seu potencial e a sua perspectiva de aprendizagem.

Anamnese resumida: mora com os pais, trabalhadores autônomos e dois irmãos menores que ela e estudantes do ensino Fundamental I, na Zona Sul de São Paulo. Durante a gravidez a mãe teve descolamento de placenta e a criança nasceu prematura de oito meses. Na primeira infância, teve o diagnóstico de bronquite asmática crônica e hoje as crises são mais espaçadas, com controle em casa. Quanto ao seu desenvolvimento L. andou com um ano e seis meses e falou na mesma época. Com cinco anos foi para EMEI e professores notaram diferença com relação às outras crianças, era muito lenta e não conseguia fazer qualquer atividade, apesar disso a família insistiu e L. permaneceu na escola. O diagnóstico de deficiência intelectual apareceu quando L. estava com 14 anos, após ser encaminhada para a Universidade Mackenzie em virtude das dificuldades de aprendizagem. Posteriormente passou a ser acompanhada na APAE, recebendo alta em fevereiro de 2015, com a orientação para que retornasse caso apresentasse alguma demanda. L. também frequentou a Colmeia onde, com ajuda e atendimento psicopedagógico, progrediu muito na leitura e na escrita. L. lê e escreve, e em alguns momentos, solicita confirmação, reconhece números, mas não consegue fazer contagem. Aos 16 anos foi desligada da Colmeia, mas continuou a ser atendida em consultório pelas profissionais de fonoaudiologia e psicopedagogia. Cursava o 2º do Ensino Médio, das 7 às 12 h, e de acordo com relatório pedagógico, “desenvolvia as atividades dentro da capacidade cognitiva, e que, segundo os docentes, era esforçada, interessada e via função na própria educação formal.” A família queria investir no desenvolvimento de L. e acreditava na potencialidade da filha para inclusão no mercado de trabalho. A mãe percebia a filha como bastante calada em casa. A indicação para que L. viesse para a OAT foi da psicopedagoga, que realizou trabalho com ela na Colmeia e que a atendia em consultório na ocasião.

Avaliação psicopedagógica: L. interagiu com educação e simpatia. Mostrou-se tranquila durante a conversa e na execução das atividades. Soube dizer o que veio fazer na OAT. Relatou que se sentia diferente, que todos conseguiam ler e ela não. Soube dizer seu endereço, seus dados familiares e escolares. Relatou sua rotina e suas tarefas diárias. Disse gostar da escola, dos professores e das amigas. Dormia muito tarde. No fim de semana, mexia no computador com jogos, sem Internet. Não saía com amigos, nem frequentava igreja, costumava ajudar a mãe a preparar o almoço de domingo. Gostava de manter contato, conversar e jogar jogos com um primo de 11 anos de idade. Nas atividades relacionadas à avaliação saiu-se bem na identificação das cores, na contagem de objetos e na sequência de números, na percepção de detalhes nas duas histórias com imagens, na localização de objetos que não pertencem a um grupo, na identificação da mudança de temperatura. Escreveu seu próprio nome completo em letra cursiva legível. No par educativo desenhou-se cuidando do cachorro, indicando vínculo com a aprendizagem. Soube ler, mas apenas, decodificando as palavras, sem compreender o que leu. Entendeu a história contada oralmente, que exigiu abstração. Demonstrou noção das partes que compõem o corpo humano, de quantidade e de posição. Apresentou dificuldades no cálculo mental, efetuou soma, subtração e multiplicação simples com apoio do concreto, com acerto. Recortou com tesoura, de modo atento e com facilidade. Seu maior sonho era o de conhecer Luan Santana, contou que tentou algumas vezes ir aos shows dele, mas, aconteceram situações que a impediram de assisti-lo. L. foi capaz de manter a atenção por um tempo determinado, com foco na tarefa.

Manteve-se organizada ao sentar-se e ao dispor os materiais e os instrumentos, no espaço pré-determinado. Apresentou boa memória, noção espacial e temporal, estabeleceu relação entre fatos. Apresentou constância de produção na atividade proposta. Após o período de experiência de um mês, foi proposto um plano de trabalho com enfoque específico nas áreas de desenvolvimento, as multidimensões, sendo: para as *habilidades intelectuais*: 1. Na compreensão, entender uma conversa sobre assuntos diversos, desde o nível mais simples até o mais abstrato, controlando autonomamente o assunto, 2. Na comunicação oral, exprimir ideias com clareza e fluência; 3. Na resolução de problemas, ser capaz de resolver situações concretas ou abstratas usando de critérios e argumentos pessoais para a escolha. No *comportamento adaptativo*, ser capaz de lidar com dinheiro. Na *saúde*, cuidar de si mesma através das rotinas de higiene e alimentação saudável. Na *participação, interação papéis sociais*, ser capaz de oferecer ajuda ao outro quando necessitar. Na *área do contexto* participar de uma atividade de lazer e atuar com autonomia nas tarefas diárias. Após dois anos na instituição, verificou-se que L. manteve-se atenta a todas as orientações que recebeu, apresentou boa compreensão sobre o que lhe era informado. Passou a ler e escrever o texto com compreensão. Aprendeu a lidar com dinheiro. Aumentou sua autoestima e confiança em suas potencialidades. Estabeleceu um bom vínculo com colegas, e seguiu com as amizades fora da instituição. L. trouxe comportamentos característicos de sua faixa etária, com condições para o amadurecimento contínuo. Reagiu positivamente ao ser exposta a situações que demandaram responsabilidade. Com este progresso, L. apresentou condições de ser incluída no grupo de preparação para o mercado formal de trabalho o que ocorreu no primeiro trimestre de 2017.

No mês de julho, deste mesmo ano, L. foi inserida em uma unidade de uma rede de cinemas, parceira da OAT, como auxiliar de cinema. Desde então tem exercido sua função com muita competência e recebido o reconhecimento da equipe de trabalho. Na família L. assumiu um papel de colaboradora da renda familiar, trazendo uma melhoria na qualidade de vida de todos e orgulho para seus pais. Como psicopedagoga sinto-me privilegiada, por fazer da equipe de profissionais, que com formação nas áreas da assistência social e psicologia, no papel de gestores de caso, ampliam meus horizontes e saberes sobre as questões da deficiência intelectual. É possível pensar nas necessidades de cada um, ajustar metas e escolher dentre muitas estratégias a que pode fazer a diferença naquele cenário de aprendizagem. Um de nossos compromissos é o de transformar a vida destas pessoas e de suas famílias. Todos, independentemente de suas dificuldades, têm possibilidades para aprender, de se desenvolver. Alguns podem conquistar a vida independente e autônoma. Acreditamos que através da estimulação cuidadosa, eles podem ganhar qualidade de vida, ser inseridos socialmente, com outro papel na família e na comunidade. Quando possível, também no trabalho e como cidadãos que tomam suas decisões!

Sandra Lia Nisterhofen Santilli – pedagoga, psicopedagoga. Coordenadora da OAT – Orientação, Apoio e Trabalho. Conselheira Vitalícia pela ABPP Seção São Paulo.

Referência Bibliográfica

AAIDD - *Intellectual Disability – Definition, Classification, and Systems of Supports* — 11th Edition, Washington – USA - 2010.

ESPAÇO ABERTO

Neste espaço divulgamos artigos, resenhas, estudos e relatos de experiência da psicopedagogia prestigiando diferentes autores. O presente texto, uma resenha crítica, é resultante de uma atividade proposta na disciplina Intervenção Psicopedagógica na Instituição, no curso de Psicopedagogia da Universidade Mackenzie.

Os Sentidos da Aprendizagem para Professores da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio (Revista Psicopedagogia 2013; 30 (93))

“Se o aluno não acompanha a sala, eu já peço para a mãe ficar um pouco mais atenta, porque se eu estou ali, ajudando, ajudando, ajudando e no outro dia a criança não reteve nada daquilo que eu disse na semana passada, alguma coisa ali tem, ou é falta de estímulo em casa ou a criança não está interessada mesmo.” Quando o tema é dificuldade de aprendizagem, esse é o raciocínio de Mônica, professora que, junto com outros dez colegas, foi entrevistada por pesquisadores ligados à Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas. Os resultados do estudo, realizado em duas escolas públicas do interior de São Paulo - uma de educação infantil e outra de ensino fundamental e médio - estão no artigo “ Os Sentidos da Aprendizagem da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio”.

A opinião de Mônica, sintonizada com o entendimento dos outros professores entrevistados, reflete a dissociação histórica entre o ensinar e aprendizagem. Nessa concepção, o fracasso escolar é atribuído à incapacidade do aluno ou falta de estímulo ambiental – problemas cuja origem (e conseqüentemente a solução) passa longe da sala de aula. Tal abordagem limita o papel dos professores, que pouco têm a fazer diante das dificuldades consideradas resultantes de problemas familiares, médicos, psicológicos ou socioculturais. Não é de hoje que causas alheias à escola justificam o fracasso escolar. No século XIX, quando teorias raciais imperavam em diversas áreas do conhecimento, predominava a visão de que disparidades fisiológicas e psicológicas entre as raças eram as responsáveis pelo aprendizado de uns (brancos) e dificuldades de outros (negros, entre outros). Quando se tornou evidente que, independentemente da etnia, o desempenho dos alunos variava conforme a classe social, a justificativa organicista foi substituída pela ambiental. Nessa nova abordagem, relata o artigo, o baixo rendimento escolar entre os mais pobres, ainda que brancos, era justificado com base nos “hábitos, padrões e práticas sociais que os tornavam culturalmente inferiores.” Mais adiante, os maus resultados nos boletins ganharam novas causas: distúrbios psicológicos, psiquiátricos ou neurológicos. Em tal abordagem, a solução para as dificuldades de aprendizagem vem do consultório do médico ou psicólogo responsável pelo “diagnóstico” e “tratamento”. Não é à toa que há hoje tantas crianças medicadas nas salas de aula. Em comum, as diferentes vertentes retiram da escola o protagonismo no processo de ensino de alunos que não aprendem da forma ou ritmo ditados pelas práticas padronizadas. Como diz Olívia Porto* (2009, p. 31), nesse contexto vale a máxima: *“se o aluno aprende é porque o professor ensina, se não aprende é porque apresenta alguma defasagem ou disfunção.”* *O estudo também revelou que, ao falar de alunos com dificuldade de aprendizagem, os professores entrevistados pouco se referiram aos resultados escolares dos estudantes. Em vez disso, o foco dos comentários estava na indisciplina e falta de atenção durante as aulas. Algumas das falas são emblemáticas: *“Eles [os alunos com dificuldade] tumultuam, não têm interesse em fazer nada, em registrar nada”*, afirma Narciso, professor do ensino médio. *“Já que eles não conseguem acompanhar a aula, eles se tornam indisciplinados”*, diz sua colega Morgana. Comentários assim revelam que, logo ao abrir a porta da sala, os professores esperam encontrar alunos interessados, participativos, prontos para aprender. Não consideram, portanto, a escola responsável pela construção de comportamentos favoráveis e de condições para o desenvolvimento de processos cognitivos necessários para o aprendizado. Afinal, não caberia ao professor garantir o aprendizado dos alunos “doentes.” E de onde vem visão tão patologizante? Por que as escolas reproduzem a crença, tão disseminada na sociedade, de que o não aprender está associado a condições médicas e psicológicas? Conforme demonstra a pesquisa, os professores entrevistados reconhecem que em sua formação faltou conteúdo relacionado a dificuldades e variedades da aprendizagem – deficiência que limita o ensinar.

Sem instrumentos para lidar de forma efetiva com a diversidade na sala de aula, a saída está na busca de soluções fora do muro da escola, conclui o artigo. Tal constatação evidencia a urgente necessidade de mudanças na formação dos professores. Só assim Mônica, Narcisos e Morganas poderão assumir para si a responsabilidade pela aprendizagem de todos na sala de aula.

Carin Homonnay Petti

* PORTO, Olívia. *Pedagogia Institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

ACONTECEU

Neste espaço divulgamos e registramos, por ordem de realização, os cinco eventos promovidos pela ABPp Seção São Paulo, no primeiro semestre de 2018.

1.º Base Nacional Comum Curricular (Educação Infantil)

No dia 24 de fevereiro de 2018, a diretoria da ABPp -SP participou de um curso, em sua sede, a respeito das novas propostas da Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil, EI, para a reflexão e atualização a respeito do assunto.

A máxima: **“A FAMÍLIA EDUCA E A ESCOLA ENSINA”**, não é mais definitiva, pois a Escola de hoje ocupa o lugar de quem educa, junto com as outras instituições. **ALUNO:** Anteriormente o foco era o conhecimento, o conteúdo. Atualmente, o foco é a criança que promove o seu desenvolvimento. **PROFESSOR:** Anteriormente o foco era: “Como eu ensino?”. Atualmente o foco é: “Como ele aprende?”. Não cabe mais ao professor aplicar, transmitir, mas sim favorecer e proporcionar situações onde a criança seja ativa. Hoje, frente ao aprendizado, a criança não é passiva, mas sim construtora do seu conhecimento, que ocorrem nas inter-relações: criança x criança; criança x adulto; criança x meio físico, social, cultural e natural. A proposta é de igualdade e equidade no conteúdo. A forma de desenvolver cada Campo de Experiência fica por conta de cada Instituição de Ensino. Houve oportunidade para atualizarmos nossa prática no sentido de orientar de maneira atualizada, instituições e outros profissionais que nos procuram. Este novo conhecimento colaborou com nossa prática no sentido de orientar de maneira atualizada, instituições e outros profissionais que nos procuram.

Dra. Beatriz Mangione Sampaio Ferraz

Psicóloga, mestre em educação pela PUC-SP e doutoranda em Educação pela USP. Diretora da Escola de Educadores - centro de formação de professores.

2.º Reunião de Coordenadores de Cursos de Psicopedagogia do estado de São Paulo

No dia 16 de fevereiro de 2018, na sede da ABPp - SP, foi realizada a primeira reunião de coordenadores de curso de especialização em Psicopedagogia do Estado de São Paulo com a intenção de uma aproximação entre nosso órgão de classe, a ABPp SP, e as instituições que promovem os cursos. Convidamos a Prof.ª Dra. Neide de Aquino Noffs para mediar este encontro e discutir com os presentes o tema *“A Formação em Psicopedagogia na contemporaneidade”*. Estiveram presentes a Presidente da ABPp-SP Maria Cristina Natel, os membros da diretoria, além de coordenadores de cursos de Psicopedagogia de São Paulo, como convidados. É fato que a universidade e a sociedade vivem um momento conflitante; a excelência na formação acadêmica nem sempre é valorizada. O currículo oficial para a boa formação do profissional, por vezes fica distante daquele que é vivido.

As mudanças no contexto trouxeram também mudanças na atuação do profissional, que trabalhava com dificuldades e transtornos de aprendizagem e hoje, têm como foco a integração e inclusão do sujeito no ambiente, sejam acadêmicos e/ou social. Foi proposta reflexões que abordam com a clareza o papel do psicopedagogo na sociedade atual, a qualidade da formação profissional, o campo de atuação profissional e o reconhecimento legal da profissão.

O “INFORMA”, nosso informativo semestral, foi citado como documento de registro da história da psicopedagogia com artigos de atualização e interesses da área. A última publicação trouxe como tema o valor da supervisão, no enriquecimento dos atendimentos. O associado é incentivado a tomar consciência da importância deste acompanhamento para colaborar com a qualidade reflexiva da intervenção. As reflexões a respeito da atuação dos profissionais da área e a necessidade de contínua atualização e supervisão sugerem maiores instrumentos para mantermos a qualidade dos que escolhem a Psicopedagogia como profissão.

Professora Doutora Neide de Aquino Noffs: *Doutora e Mestre em Educação, Pedagoga, Especialização em Psicodrama clínico e aplicado a Educação e Psicopedagogia formada na Argentina.*

3.º A Alta em Psicopedagogia e as Altas da Vida - uma tarefa

No dia 13 de abril de 2018, na sede da ABPp SP, ao início da 3ª reunião do Conselho Estadual da gestão 2017/2019, tivemos a participação da Psicopedagoga e Conselheira Ariane Zanelli que nos proporcionou uma reflexão sensível e profunda sobre o tema.

Ariane levou-nos a refletir sobre a estrutura da palavra e trabalhar com suas letras e sons: **(TAREFA/AFETAR)**. A **“TAREFA”** da escuta envolve o cuidar, colocar-se no lugar do outro, e abrir-se para aquilo que o sujeito não compreende em relação ao conhecimento – uma escuta transformadora. Toda a fala deixa um resíduo, e através da escuta, buscamos conhecer estes resíduos. “Eu não tenho como saber se você não me fala” – “Eu farei todo o esforço para te escutar”. A **“ALTA”** – envolve autonomia, diferentes aprendizagens e possibilidades de transformação, mudanças (formas e conteúdos; sentido para as aprendizagens, novas formas para o aprender, resgate do prazer em aprender), sujeito implicado. Não há mais solidão, há incorporação do saber. Assim, como as altas em psicopedagogia, as altas na vida, também envolvem superações, decisões e transformações, mas nada poderá acontecer se não houver a entrega e a escuta. Um privilégio compartilhar desta reflexão com Ariane!

Ariane Zanelli, *Pedagoga e Psicopedagoga, Conselheira da ABPp - Seção SP.*

4.º Desvendando os mistérios do autismo...!

A **Associação Brasileira de Psicopedagogia Seção São Paulo**, em parceria com a **Colmeia – Instituto à Serviço da Juventude**, em 26 de abril de 2018, receberam o médico, psiquiatra, psicanalista e fundador do CRIA (Serviço de atendimento em Saúde Mental) e professor do Departamento de Psiquiatria da (Unifesp), Dr. Raul Gorayeb. Ele ministrou a palestra com base nas teorias sobre o conceito e o histórico do autismo e o uso da palavra em cima dos diagnósticos que vem sendo elaborados por profissionais da saúde. Nem toda criança diagnosticada como autista, realmente é!

Baseado neste olhar atual que refleti sobre o Autismo Infantil, suas propriedades, alcances e limites. Há de se cuidar dos profissionais da área de saúde, que, sem de fato terem os critérios necessários, orientam e identificam o perfil autista. A influência no desenvolvimento global com bases nas questões biológicas, genéticas, fatores ambientais, emocionais e sociais e até econômicos são aspectos que interferem no desenvolvimento e crescimento da criança desde sua concepção, tanto para o Transtorno do Desenvolvimento Global como para outras psicopatologias.

Discorreu sobre as bases para um modelo clínico de Psicopatologia considerando os conhecimentos do Desenvolvimento Mental e a formação da individualidade no Ser Humano. Dr. Raul traçou um perfil não fechado de algumas características possíveis, do autista, como: comunicação e interação social, comportamento repetitivo, respostas atípicas, tentativas de fazer amigos, dificuldade em mudar de atividades, prejuízos na organização e planejamento, controle inibitório, capacidade demonstrar habilidades. Discursou criticamente, as influências positivas e negativas dos modelos teóricos e das intervenções clínicas e educacionais, atuais. A intervenção na educação, por pedagogos e psicopedagogos pode ser pautada no estímulo e reforço positivos, orientações para agir com organização e planejamento, desenvolver a atenção compartilhada, trabalhar e treinar o comportamento adequado e a inclusão do autista nas instituições familiares e escolares bem como sociais.

Dr. Raul Gorayeb -*Médico Psiquiatra Professor do Departamento de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina (Unifesp); Fundador e Coordenador do CRIA – Unifesp.*

5.º. 3.ª Oficina de Jogos

Em parceria com a Pingo no I - Brinquedos Educativos – a Seção São Paulo, realizou a 3ª Oficina de Jogos. Jogar, brincar e congregar psicopedagogos tem sido o lema, pois pensar em psicopedagogia é jogar. Utilizamos muitos jogos de tabuleiro, cartas, enigmas e de estratégia, que são educativos e proporcionam uma aprendizagem imediata, pois colaboram com o pensamento lógico, atenção, controle inibitório e a troca com o outro, além das habilidades socioemocionais que são desenvolvidas, ao jogar! Nesta oficina, tivemos a ilustre presença do Professor Lino de Macedo que generosamente “nos deu uma aula”, realizando uma análise crítica dos jogos utilizados na Oficina: Dobble, Tesouro do Dragão e o jogo de lançamento Enigma do Sudoku. Mais uma vez, uma oficina que deixou com um gostinho de quero mais!!!

Diretoria Cultural – Cecília Faro e Ruth Nassiff

PROJETO SOCIAL

ATENÇÃO NOVOS INTERESSADOS!!!

Queremos compartilhar nossa alegria pelo sucesso do Projeto Social **“ABPp Seção São Paulo vai à Comunidade”** e convidar os participantes e novos interessados para a **próxima reunião do Projeto** no dia **18/08/2018**. Em fevereiro, em uma reunião com 32 associados, entre Diretoria, voluntários e supervisores. As experiências de 2017 trouxeram a reflexão de continuarmos com os atendimentos a crianças, jovens e adultos, nas escolas (públicas ou particulares) ou em seus próprios consultórios. Por outro lado, algumas mudanças foram propostas: validade do Termo de Compromisso por um semestre, podendo ser renovado por mais um período; foi estabelecido o prazo de um ano para o trabalho voluntário, tendo em vista possibilitar o rodízio de associados participantes, aumentando o número de voluntários e, ao mesmo tempo, promovendo a autonomia dos psicopedagogos envolvidos; criação de grupos de estudos com as supervisoras, para onde migrarão os voluntários interessados, após o término de um ano dos atendimentos.

ESPERAMOS VOCÊS!!!

Indicamos livros didáticos, instrumentos avaliativos não restritivos e jogos:

PENcE – Programa de Estimulação Neuropsicológica da Cognição em Escolares: Ênfase nas Funções Executivas – Caroline de Oliveira Cardoso e Rochele Paz Fonseca – Editora Book Toys – 2016.



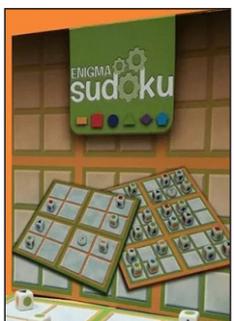
CENA - Programa de Capacitação de Educadores sobre Neuropsicologia da Aprendizagem com Ênfase em Funções Executivas e Atenção - Janice R. Pureza e Rochele Paz Fonseca - Editora Book Toys – 2016.



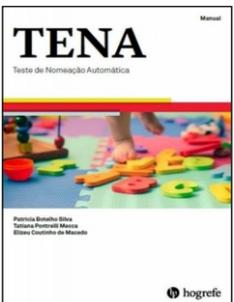
Par Educativo – O Desenho e o Vínculo com a Aprendizagem – Flávia Gomes, Jane Correa e Renata Mousinho – Editora Book Toys – 2017.



Enigma Sudoku – Lino de Macedo e M. César de Oliveira – Ludens Spirit e Pingo no I - 2018.



Teste de Nomeação Automática – Patrícia Botelho da Silva, Tatiana Pontrelli Mecca e Elizeu Coutinho de Macedo – Hogrefe – 2018.



Sugestões de entrevistas no You Tube:

- “Um Fato Duas Visões- Psicopedagogia com Anete Maria Buzin Fernandes, Neide Noffs <https://youtu.be/1iHbSEXHQs>
- Livro conta história da autoafirmação cultural de jovens das periferias – “O Que o Rap Diz e a Escola Contradiz” de Monica do Amaral.

<https://m.youtube.com/watch?v=ffvwx6C8U68&feature=youtu>

Presidente: Maria Cristina Natel

Vice-Presidente: Rebeca Lescher Nogueira de Oliveira

Diretora Secretária: Andréa de Castro Jorge Racy

Diretora Secretária Adjunta: Márcia Maria Machado Monteiro

Diretora Financeira: Helena Maria Barbosa da Silva

Diretora Financeira Adjunta: Ymei Uvo de Sá Trench

Diretora Cultural: Ruth Nassiff

Diretora Cultural Adjunta: Cecilia Gereto de Mello Faro

Diretora de Relações Públicas: Wylma E. Teixeira Ferraz Lima

Diretora Adjunta de Relações Públicas: Maria Lúcia Moura Caruso

PROJETO SOCIAL:

Coordenadora do Projeto Social: Sílvia Amaral de Mello Pinto

Coordenadora Adjunta do Projeto Social: Sandra Lia N. Santilli

CONSELHO ESTADUAL:

Ariane Zanelli de Souza

Carla Labaki Agostinho Luvizotto

Claudia Maria Laureano Moreno

Cristiane Cássia Moura

Márcia Alves Affonso

Regina Irani Spirandeli Federico

Rosana Maria Pereira Borges

Sandra Casseri Rindeika

Sílvia Amaral de Mello Pinto

CONSELHO FISCAL:

Anete Hecht

Ernani Pereira Junior

CONSELHO VITALÍCIO:

Maria Cristina Natel

Mônica Hoehne Mendes

Sandra Lia N. Santilli

Sônia Colli

Este periódico é uma publicação exclusiva da

ABPp SEÇÃO SÃO PAULO

EDITORA DE REDAÇÃO: Rebeca Lescher Nogueira de Oliveira

CONSELHO EDITORIAL: Andréa de Castro Jorge Racy e Ruth Nassiff

TIRAGEM: 500 exemplares

CRIAÇÃO E IMPRESSÃO: KOSMOGRAF